

## ENTERRO DO "NÃO CONSIGO"

Esta história foi contada por Chick Moorman, e aconteceu numa escola primária do estado de Michigan, Estados Unidos.

\*

Ele era supervisor e incentivador dos treinamentos que ali eram realizados e um dia viveu uma experiência muito instrutiva, conforme ele mesmo narrou:

\*

Tomei um lugar vazio no fundo da sala e assisti. Todos os alunos estavam trabalhando numa tarefa, preenchendo uma folha de caderno com idéias e pensamentos.

\*

Uma aluna de dez anos, mais próxima de mim, estava enchendo a folha de "não consigo".

\*

"Não consigo chutar a bola de futebol além da segunda base."

"Não consigo fazer divisões longas com mais de três números."

"Não consigo fazer com que a Debbie goste de mim."

\*

Caminhei pela sala e notei que todos estavam escrevendo o que não conseguiam fazer.

\*

"Não consigo fazer dez flexões."

"Não consigo comer um biscoito só."

\*

A esta altura, a atividade despertara minha curiosidade, e decidi verificar com a professora o que estava acontecendo e percebi que ela também estava ocupada escrevendo uma lista de "não consigo".

\*

Frustrado em meus esforços em determinar porque os alunos estavam trabalhando com negativas, em vez de escrever frases positivas, voltei para o meu lugar e continuei minhas observações.

\*

Os estudantes escreveram por mais dez minutos. A maioria encheu sua página.

\*

Alguns começaram outra.

\*

Depois de algum tempo os alunos foram instruídos a dobrar as folhas ao meio e colocá-las numa caixa de sapatos, vazia, que estava sobre a mesa da professora.

\*

Quando todos os alunos haviam colocado as folhas na caixa, Donna acrescentou as suas, tampou a caixa, colocou-a embaixo do braço e saiu pela porta do corredor. Os alunos a seguiram. E eu segui os alunos.

\*

Logo à frente a professora entrou na sala do zelador e saiu com uma pá.

\*

Depois seguiu para o pátio da escola, conduzindo os alunos até o canto mais distante do playground. Ali começaram a cavar.

\*

Iam enterrar seus "não consigo"! Quando a escavação terminou, a caixa de "não consigo" foi depositada no fundo e rapidamente coberta com terra.

\*

Trinta e uma crianças de dez e onze anos permaneceram de pé, em torno da sepultura recém cavada.

\*

Donna então proferiu louvores.

\*

"Amigos, estamos hoje aqui reunidos para honrar a memória do 'não consigo'. Enquanto esteve conosco aqui na Terra, ele tocou as vidas de todos nós, de alguns mais do que de outros.

\*

Seu nome, infelizmente, foi mencionado em cada instituição pública - escolas, prefeituras, assembléias legislativas e até mesmo na casa branca.

\*

Providenciamos um local para o seu descanso final e uma lápide que contém seu epitáfio. Ele vive na memória de seus irmãos e irmãs 'eu consigo', 'eu vou' e 'eu vou imediatamente'.

\*

Que 'não consigo' possa descansar em paz e que todos os presentes possam retomar suas vidas e ir em frente na sua ausência. Amém."

\*

Ao escutar as orações entendi que aqueles alunos jamais esqueceriam a lição.

\*

A atividade era simbólica: uma metáfora da vida. O "não consigo" estava enterrado para sempre.

\*

Logo após, a sábia professora encaminhou os alunos de volta à classe e promoveu uma festa.

\*

Como parte da celebração, Donna recortou uma grande lápide de papelão e escreveu as palavras "não consigo" no topo, "descanse em paz" no centro, e a data embaixo.

\*

A lápide de papel ficou pendurada na sala de aula de Donna durante o resto do ano.

\*

Nas raras ocasiões em que um aluno se esquecia e dizia "não consigo", Donna simplesmente apontava o cartaz descansa em paz. O aluno então se lembrava que "não consigo" estava morto e reformulava a frase.

\*

Eu não era aluno de Donna. Ela era minha aluna. Ainda assim, naquele dia aprendi uma lição duradoura com ela.

\*

Agora, anos depois, sempre que ouço a frase "não consigo", vejo imagens daquele funeral da quarta série. Como os alunos, eu também me lembro de que "não consigo" está morto.

(Equipe de Redação do Momento Espírita com base em texto de Chick Moorman do livro Canja de Galinha para a alma Jack Canfield & Mark Victor Hansen, ed. Ediouro)